

A POLÍTICA REVISTA COMBATIVA ILUSTRADA: O UNIVERSO DAS CRÔNICAS DE COELHO NETO

BRUNA VIEIRA GOMES DE OLIVEIRA *

Resumo: A Política Revista Combativa Ilustrada consiste em uma publicação que circulou na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1918 e 1922, cujo enfoque privilegiou as questões políticas e administrativas que envolveram a cidade do Rio de Janeiro, além dos círculos políticos de outras regiões do país. A revista apresenta também uma relação de proximidade com o intelectual Coelho Neto, sendo ele um personagem recorrente no posicionamento da publicação em relação às eleições federais de 1918.

Palavras-chave: Coelho Neto, Primeira República, Política.

Abstract: The Politics Combativa Illustrated Magazine is a publication that circulated in the city of Rio de Janeiro between the years 1918 and 1919, whose focus has concentrated on policy and administrative issues involving the city of Rio de Janeiro, and political circles in other regions of the country. The magazine also has a close relationship with the writer Coelho Neto, as a writer and director, is also a recurring character in the positioning of the publication in relation to federal elections of 1918.

Keywords: Coelho Neto, First Republic, Policy.

Artigo recebido em 31 de Julho de 2014 e aprovado para publicação em 21 de setembro de 2014.
Trabalho apresentado na mesa *Periódicos no Brasil Republicano*.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGHS/UERJ). E-mail: brunavigo25@gmail.com

Introdução

O presente artigo concentra-se na investigação das crônicas do intelectual Coelho Neto veiculadas em *A Política Revista Combativa Ilustrada*, publicação semanal que circulou no Rio de Janeiro no período da Primeira República e que abordou, dentre outros assuntos, os acontecimentos políticos do país.

O período que compreendeu a Primeira República, entre os anos de 1889 a 1930, representou um ciclo de transição na conjuntura política do Brasil, marcado pelo início do processo de implantação e consolidação do sistema político republicano. Constituído por características ambíguas e contraditórias, esse processo no decorrer da História assumiu variadas nuances, desde a expectativa de uma profunda reorganização da vida nacional, fundamentada nos pilares da República, ao descontentamento relacionado à ausência de transformações estruturais na sociedade brasileira e à existência de práticas políticas que reafirmavam a continuidade com os princípios assumidos no passado, onde novas forças de poder se recompuseram à margem da participação e do apoio popular (DULCI, 2012: 15).

Dentre os variados elementos que compuseram esse complexo quadro de transição política, destaca-se a imprensa. Ao considerar a diversidade dos seus múltiplos segmentos, descortina-se a possibilidade de identificação de fragmentos acerca da realidade vivida em certos períodos, bem como seus desdobramentos. Tais fragmentos correspondem a elementos integrantes de uma determinada representação da realidade, que segundo Pierre Bourdieu (1989: 113) não se apresenta de maneira neutra, mas antes se estrutura como um lugar que envolve uma intensa disputa pela construção de significações, que possam atribuir sentido a uma determinada causa ou grupo.

A Política Revista Combativa Ilustrada

A Política Revista Combativa Ilustrada foi fundada pelo jornalista João Rodrigues e circulou semanalmente no Rio de Janeiro desde o dia vinte e quatro de abril de 1918 até o dia dezoito de fevereiro de 1922, data do último exemplar localizado. Com uma estrutura gráfica atraente e inovadora para os padrões da época, a revista possuía uma média de quatorze a dezoito páginas, comportando ilustrações, imagens e também anúncios publicitários. Seu conteúdo informativo era composto pelo editorial, além de crônicas, notícias, artigos, boletins, propagandas, que por vezes vinham acompanhados por fotos ou ilustrações.

A Política veiculou em suas páginas assuntos cujo enfoque privilegiou as questões políticas e administrativas que envolveram não somente a capital da República, mas também os diversos círculos políticos de outras regiões do Brasil, além de apresentar textos e reportagens escritos por diversos autores que compuseram o círculo literário brasileiro. Dentre esses diversos autores, destacou-se o intelectual Coelho Neto, que iniciou a sua relação com a revista a partir da elaboração de crônicas e editoriais e que posteriormente assumiu o cargo de diretor responsável. Ao empreender uma leitura a partir dos seus textos e crônicas, é possível identificar variados posicionamentos de Coelho Neto relacionados aos acontecimentos do período, considerando os aspectos políticos e sociais que formavam a realidade brasileira.

Em seus primeiros exemplares, a revista esteve sob a direção do jornalista João Rodrigues; somente a partir do exemplar número sete – datado de sete de junho de 1918 – Coelho Neto assumiu a direção intelectual da revista, enquanto João Rodrigues passou a ocupar a direção administrativa. Essa estrutura permaneceu até o exemplar de nº 37, publicado em dez de janeiro de 1919: no exemplar posterior, de nº 38, do dia dezessete de janeiro de 1919, a revista trouxe, ao final de sua edição, um comunicado oficial de João Rodrigues informando a saída de Coelho Neto. O mesmo comunicado informou também a mudança na periodicidade da revista, que passou a ser quinzenal, além de mencionar a perspectiva de se tornar um jornal diário; porém, *A Política* permaneceu como uma revista quinzenal. Após a saída de Coelho Neto, João Rodrigues reassumiu a função de diretor responsável.

A análise de *A Política* situa-se segundo a perspectiva de relação entre o conteúdo produzido pelos seus autores e a disposição da revista como um instrumento de circulação e propagação de ideias, organizando-se como um espaço composto por variadas representações relacionadas ao contexto, sobretudo político, da Primeira República. Nesse caso, compreende-se a revista como um elemento disposto segundo a identificação de uma dupla conjuntura, que de acordo com Chartier (2002: 71), considera as relações intencionais contidas nos discursos dos seus autores e os processos organizacionais que envolveram a criação e a circulação da publicação, possibilitando a veiculação dessas ideias, além de influenciarem a receptividade junto ao público.

Como o próprio nome demonstra, *A Política* foi uma publicação em que os acontecimentos veiculados por vezes foram abordados a partir de uma postura ativa dos seus colaboradores. Tal característica expressou-se, por exemplo, em seus editoriais, nos quais os autores explicitaram suas opiniões, criticaram variados aspectos políticos – como, por exemplo, a corrupção dos governantes – e se dirigiram ao público de maneira incisiva e por

vezes militante. Tal abordagem também foi identificada em suas notícias, artigos e crônicas, em que princípios norteadores foram propagados, aliados à finalidade de evocação de unidade de um grupo social e à propagação de suas ideias para o público leitor.

O contexto que envolveu a criação de *A Política* constitui-se também como um relevante aspecto a ser considerado. No ano de 1918 foi realizada a eleição para a Presidência da República e para o Legislativo Federal. Nesse processo, Coelho Neto – candidato a deputado federal pelo estado do Maranhão, estado onde nasceu – foi derrotado, fato que a revista atribuiu à corrupção, o que motivou a veiculação de diversas críticas e denúncias relacionadas a esse processo eleitoral.

O personagem Coelho Neto

O final do século XIX representou um período de transição política e social na história do Brasil. A Abolição e a República, com as suas características específicas, interferiram na dinâmica das relações entre os diversos grupos sociais existentes, ao mesmo tempo em que acumularam em torno de si expectativas relacionadas à reorganização política e administrativa do país. Tal atmosfera de instabilidade foi determinante para a formação de diversos agentes que se sobressaíram a partir de uma atuação representativa no processo histórico; dentre esses agentes, destacaram-se os intelectuais, cuja participação se deu principalmente através da veiculação de suas ideias no espaço da literatura e do jornalismo.

Nesse período, os intelectuais cujas produções atingiram maior visibilidade na capital republicana compuseram a “geração boêmia”, que reuniu nomes como Coelho Neto, José do Patrocínio, Paula Ney, Olavo Bilac e Guimarães Passos (RODRIGUES, 1998: 233-263). Esse grupo reunia literatos de natureza diversa e com aspirações peculiares, porém defendiam transformações que conduziriam o Brasil ao nível de desenvolvimento atingido por outras nações. Reconheciam-se como personalidades de suma importância para o país, em cujas mentes estariam armazenados o conhecimento e a instrução, exercendo o papel de líderes de uma missão de caráter salvador, revestidos de capacidade e legitimidade. Representavam as “cabeças pensantes” do país, os idealizadores de um futuro próspero, em meio a uma realidade de carestia e “pobreza” intelectual. Embora acreditassem fielmente em seus ideais, sua realização na prática esbarrava por vezes nas condições limitadoras dos discursos por eles proferidos. Pertencentes a uma “elite” diferenciada da maioria da população brasileira, muitos desses intelectuais conheciam superficialmente a realidade enfrentada pela

população onde, por vezes, a raiz principal de tais problemas fosse suprimida em suas explicações (PEREIRA, 2005: 210-211).

Coelho Neto destacou-se como uma figura emblemática dessa geração, cuja trajetória envolveu desde a consagração como um dos maiores escritores do país, a alvo central de duras críticas efetuadas pelos intelectuais modernistas, principalmente após a Semana de Arte Moderna de 1922. O que outrora fora considerado um estilo literário peculiar, delineado por uma linguagem erudita e rebuscada que dava contornos a romances, com o modernismo passou a representar o sinônimo do atraso e de um estilo que deveria ser superado. Coelho Neto deixou de ser reconhecido como um dos autores mais lidos do país e a sua história caminhou para uma condição de esquecimento que perdura até os tempos atuais (PEREIRA, 2005: 201).

Henrique Maximiliano Coelho Neto nasceu em 21 de fevereiro de 1864, no município de Caxias, estado do Maranhão, filho do comerciante Antonio da Fonseca Coelho e de Ana Silvestre Coelho. Sua família transferiu-se para o Rio de Janeiro quando o autor tinha apenas seis anos de idade, devido a problemas políticos no Maranhão (FERNANDEZ, 2010: 1-3).

A trajetória jornalística de Coelho Neto iniciou-se em 1885, quando desistiu de estudar Direito na Faculdade de São Paulo e voltou a morar no Rio de Janeiro, onde ansiava dedicar-se exclusivamente à literatura. Inicialmente, conseguiu emprego como jornalista na *Gazeta da Tarde*, do abolicionista José do Patrocínio, função que desempenhou também nos jornais *Diário Ilustrado* e *Novidades*, até conseguir se afirmar como profissional respeitado nesse meio (PEREIRA, 2005: 211). Porém, Coelho Neto ansiava escrever sobre conteúdos que fossem além do noticiário cotidiano carioca: a literatura era o seu maior objetivo. Em 1887, viu seu objetivo chegar mais perto da realização ao ser contratado pelo jornal *Cidade do Rio*, que publicou seus contos e em 1888 lhe concedeu uma oportunidade de escrever a sua própria coluna, denominada “*Lazeres*” e assinada sob o pseudônimo “Puck”. A partir desse momento, Coelho Neto começou a escrever crônicas, estilo através do qual ficou conhecido pelo grande público carioca (PEREIRA, 2005: 203-205).

O início do século XX representou um período de afirmação da figura de Coelho Neto no meio literário. Consagrado pela produção de obras como *A Capital Federal* (1893), *Contos pátrios* (1904), *A Pátria Brasileira* (1909), *Rio Negro* (1914), e ainda mantendo a sua produção como cronista em diversos jornais e revistas, Coelho Neto alcançou o prestígio, passando a integrar os altos círculos sociais e a infiltrar-se nas redes de relações influentes do país.

A atuação de Coelho Neto confere a ele a função de um agente participativo e influenciador no processo histórico, inserido como um “intelectual orgânico”. Segundo Antonio Gramsci, o intelectual orgânico representa uma categoria integrante da sociedade que se relaciona com seus múltiplos setores, podendo exercer a função de organizadores da cultura através da elaboração valores, disseminando-os como universais. Gramsci considera que “todos os homens são intelectuais, mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais”: neste caso, a intelectualidade seria exercida a partir da formação de categorias especializadas, em relação com todos os grupos sociais, sobretudo, com os grupos sociais mais importantes, passando por um processo amplo e complexo de elaboração em relação ao grupo social dominante (GRAMSCI, 2010: 15-19).

Coelho Neto, em suas crônicas veiculadas em *A Política*, privilegiou temas variados como o patriotismo, a valorização da tradição e a formulação de iniciativas que levassem a nação ao progresso, como melhorias na educação, na saúde e no saneamento. Porém, as questões relacionadas à política também integraram essa fase da produção de crônicas do autor, como por exemplo, o processo eleitoral de 1918, onde o intelectual concorreu ao cargo de deputado federal pelo Estado do Maranhão; Coelho Neto assumiria o posto pela 4ª vez, visto que fora eleito em 1909, 1912 e 1915 (FERNANDEZ, 2010: 2). Porém, amargou a derrota na disputa para Marcelino Machado e o seu descontentamento com o resultado das eleições foi expresso em várias crônicas veiculadas em *A Política*.

O diálogo entre o intelectual e o público

Em *A Política*, Coelho Neto demonstrou uma percepção particular acerca dos acontecimentos que permearam a cena política e social do período, cujos fatos inspiraram e embasaram a escrita de suas crônicas.

O contexto de instabilidade da Primeira Guerra Mundial se manifestou na crônica “*Os invasores vermelhos*” (NETO, 1918: 1), onde o autor se dirigiu aos operários, inicialmente reconhecendo-os como parte primordial no desenvolvimento do país. Porém, o autor não tardou a se manifestar contrariamente às ideias comunistas, utilizando-se de uma fala que soou como uma repreensão à classe operária, em virtude da receptividade para com as “doutrinas subversivas”. Como embasamento para tal explanação, o autor recorreu a um sentimento por ele valorizado em demasia: o patriotismo. Nessa argumentação, é possível identificar como o elemento patriótico foi utilizado pelo intelectual como estratégia de aproximação entre a sua fala e os operários, ao mesmo tempo em que nos dá indícios de certa

apreensão acerca de qualquer movimento que pudesse significar uma reação direta advinda das camadas populares da sociedade.

No âmbito interno, o cenário de crise no qual o país estava inserido em 1918 também apareceu em diversas crônicas publicadas em *A Política*. Em “*A fome*” (NETO, 1918: 4), Coelho Neto reconheceu que o país passava por momentos difíceis, ao ponto de a grave crise econômica assolar até mesmo o Estado de São Paulo, considerado por ele como a “Canaã do Brasil”. Na crônica “*Como entre lydios*”, a miséria e a pobreza manifestada nas ruas representava para o intelectual um motivo de vergonha, que feria moralmente o Brasil, “um triste espetáculo da nossa moral, um vergonhoso quadro do abandono em que jazem ‘as futuras esperanças da Pátria’” (NETO, 1918: 3). Embora reconhecesse o contexto desfavorável da realidade brasileira no período, Coelho Neto mostrava-se descontente também com a administração política do período, a qual denominou como “açambarcadores de víveres, que enriquecem a custa da miséria do povo”. Na concepção do autor, enquanto a população enfrentava uma situação de extrema pobreza, o governo “dá feriados, faculta o ponto, põe charangas em coretos, acende luminárias, anuncia desfiles marciais, espetáculos de gala”, cujas ações superficiais visavam à publicidade e não resolviam os problemas sociais em questão.

O descontentamento de Coelho Neto dirigiu-se também à população brasileira, onde a ausência de iniciativa e a frivolidade do povo foram alvos diretos de sua crítica. Em “*Deus é grande*” (NETO, 1918: 3), o autor afirmou que “um dos maiores males mais perniciosos, senão o pior dentre os muitos que nos infestam, é a crença com que remetemos a Deus o encargo de zelar por nós e pela Pátria, qualquer que seja a dificuldade em que nos achemos”. O autor elabora uma crítica em relação ao posicionamento dos brasileiros, que em meio ao cenário desfavorável, preferem apelar para Deus e responsabilizá-lo por tal situação, enquanto se ocupariam animadamente com festas e comemorações, estimuladas muitas vezes pelos governantes, como afirma neste trecho: “E a pobre gente [...] passa algumas horas divertidas com injeções festivas dos pais da Pátria.”. Porém, contraditoriamente, o literato demonstra novamente o seu receio em relação a uma possível reação da população: “[...] continuando o mercado nas mãos rapaces dos que o exploram, o povo, para não morrer à fome [...] sairá a buscar aquilo de que careça e se houver luta essa será comandada pelo instinto, que é um caudal formidável”. Nesse caso, é possível identificar o caráter ambíguo da narrativa de Coelho Neto, onde subestima a capacidade de reação da população brasileira, ao mesmo tempo em que se mostra temeroso frente à iminência de um conflito com proporções incontroláveis.

A política foi um assunto recorrente em suas crônicas. Nelas, o autor explicitou as suas impressões e elegeu as figuras políticas que seriam abordadas em sua escrita. A crônica “*A oligarchia garnachida*” (NETO, 1918: 3) veiculou o imbróglio envolvendo Coelho Neto e o recém-eleito governador do Maranhão (e ex-vice-presidente da república) Urbano Santos, em virtude da derrota nas eleições federais de 1918 para Marcelino Machado – candidato apoiado por Urbano Santos. Nessa crônica, Coelho Neto também afirma as “verdadeiras” pretensões de Urbano Santos para o Maranhão e ainda compara o estado como uma espécie de colônia nas mãos do seu proprietário. Além de mencionar frequentemente a sua hostilidade a Urbano Santos, Coelho Neto ainda se encarregou de afirmar o declínio de sua influência e prestígio no cenário político. Na crônica “*A Política*” (NETO, 1918: 3) o autor afirma que “o que se está passando aqui [na capital federal] reflete-se no Maranhão”.

Coelho Neto também afirmou seu posicionamento contra a perseguição à imprensa na crônica “*A censura*”. Nela, o autor mencionou um possível incômodo por parte do governo advindo por notícias veiculadas na imprensa. O literato saiu em defesa da liberdade de imprensa, salientando a característica popular que lhe foi facultada:

(...) o mal não está no comentário da imprensa – o jornal é um refletor que projeta a opinião pública. A imprensa é a voz do povo, é o que nele se publica, antes de aparecer em letra de forma, circula em todos os pontos de reunião. (NETO, 1918: 5)

As crônicas de Coelho Neto veiculadas em *A Política Revista Combativa Ilustrada* reflete a ambiguidade desse personagem no contexto histórico da Primeira República, onde o literato utilizou a sua produção literária como um instrumento de contestação às forças políticas que se organizaram a partir das eleições federais de 1918, demonstrando o seu envolvimento com o processo político em curso.

A percepção dessa conjuntura envolvendo Coelho Neto e o processo de reorganização política do período torna-se essencial à análise das suas crônicas em *A Política*, no sentido de considerar a disposição das narrativas produzidas pelo autor na construção de uma interpretação referente a esta etapa do processo histórico republicano. A veiculação de tais narrativas pela revista representam indícios a serem considerados, principalmente por manifestarem variados posicionamentos relacionados a uma figura pública e influente no período; porém, a análise desses elementos deve considerar a inserção de Coelho Neto na conjuntura política do período e os seus interesses envolvidos na circulação dessas narrativas na imprensa. Embora assumam um caráter testemunhal, onde o literato expôs questões relacionadas aos bastidores da política e denunciou possíveis irregularidades existentes em seu meio, também demonstraram características subjetivas influenciadas pela sua própria

vivência, o que não as constituem como elementos neutros e distanciados da experiência vivida: nesse caso, é necessária uma análise crítica desses testemunhos e a apreensão de vestígios que possam contribuir para a investigação da relação entre em *A Política* e o literato Coelho Neto (SARLO, 2007: 34-35).

Considerações finais

As crônicas escritas por Coelho Neto em *A Política* representam apenas uma pequena parte de sua obra, em um período onde o autor já havia alcançado um lugar de destaque no cenário literário e político do Brasil. Tais fontes proporcionaram um instigante exercício de investigação, que reuniu em sua especificidade a subjetividade do autor na comunicação com seus leitores, por meio de uma abordagem própria dos fatos, além de revelar diversos elementos de análise acerca dos acontecimentos do Brasil, envolvendo características complexas em sua leitura e interpretação, além dos momentos cruciais de escolha acerca de quais crônicas iriam compor este artigo.

As crônicas analisadas trouxeram em seu conteúdo indícios que contribuíram para a compreensão dos acontecimentos do período, onde aspectos foram abordados por um personagem que também fazia parte da História. Embora seu conteúdo fosse sobremaneira político, foi possível identificar também abordagens onde Coelho Neto explicitou a sua condição de literato, em que acreditava ser de sua responsabilidade a reflexão acerca da realidade social do país e dos caminhos que o pudessem levar ao desenvolvimento. Mesmo demonstrando seu descontentamento com a política, Coelho Neto ainda manifestava em sua escrita o ideal de progresso da nação: defensor do patriotismo e da expansão da educação para o povo, o autor conseguia enxergar um caminho que poderia elevar o Brasil à condição dos países desenvolvidos.

Através da investigação desta pequena parte da obra de Coelho Neto – porém relevante historicamente – foi possível estabelecer uma reflexão a partir dos seguintes pontos: *A Política* representou um veículo de propagação da causa de Coelho Neto nas eleições federais de 1918; suas crônicas representaram uma tentativa de aproximação entre o literato e uma parte da população brasileira, com o objetivo de conseguir o apoio da opinião pública e atraí-la para a defesa da sua causa. Nesse caso, a revista e as crônicas exerceram uma relação de complementaridade, mediante circulação de informações e da propagação de ideias acerca dos acontecimentos que envolveram o contexto político e social do período.

Fonte

A POLÍTICA REVISTA COMBATIVA ILUSTRADA. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica do Jornal do Brasil, [1918-1922?]. Semanal.

Crônicas

NETO, Coelho. Os invasores vermelhos. *A Política, Revista Combativa Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 1, novembro de 1918.

_____. A fome. *A Política, Revista Combativa Ilustrada*, Rio de Janeiro, p. 4, junho de 1918.

_____. Como entre lydios, *A Política, Revista Combativa Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 12, p. 3, julho de 1918.

_____. Deus é grande, *A Política, Revista Combativa Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 3, junho de 1918.

_____. A oligarchia garnachida, *A Política, Revista Combativa Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 3, novembro de 1918.

_____. A política, *A Política, Revista Combativa Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 35, p. 3, maio de 1918.

_____. A Censura, *Revista Combativa Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 5, julho de 1918.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In: *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand Brasil, 1989, p. 107-132.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: *À beira da falésia: A história entre certezas e incertezas*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 61-79.

DULCI, Otavio Soares. Prefácio à primeira edição. In: VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. *O teatro das oligarquias: uma revisão da “política do café com leite”*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012, p. 15-19.

FERNANDEZ, Renato Lanna. Coelho Netto, Henrique. In: ABREU, Alzira Alves, BELOCH, Israel (orgs.). *Dicionário histórico-biográfico da Primeira República*. Rio de Janeiro: CPDOC-FGV, 2010, p. 1-3.

GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do cárcere*. Os intelectuais: o princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Literatura em movimento: Coelho Netto e o público das ruas. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *História em cousas miúdas: Capítulos de história social da crônica no Brasil*. São Paulo: Unicamp, 2005, p. 199-235.

RODRIGUES, João Paulo Coelho de Souza. A geração boêmia: vida literária em romances, memórias e biografias. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Orgs.). *A História contada: capítulos de História Social da Literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 233-263.

SARLO, Beatriz. Crítica do testemunho: sujeito e experiência. In: *Tempo passado: Cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia. das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 23-44.